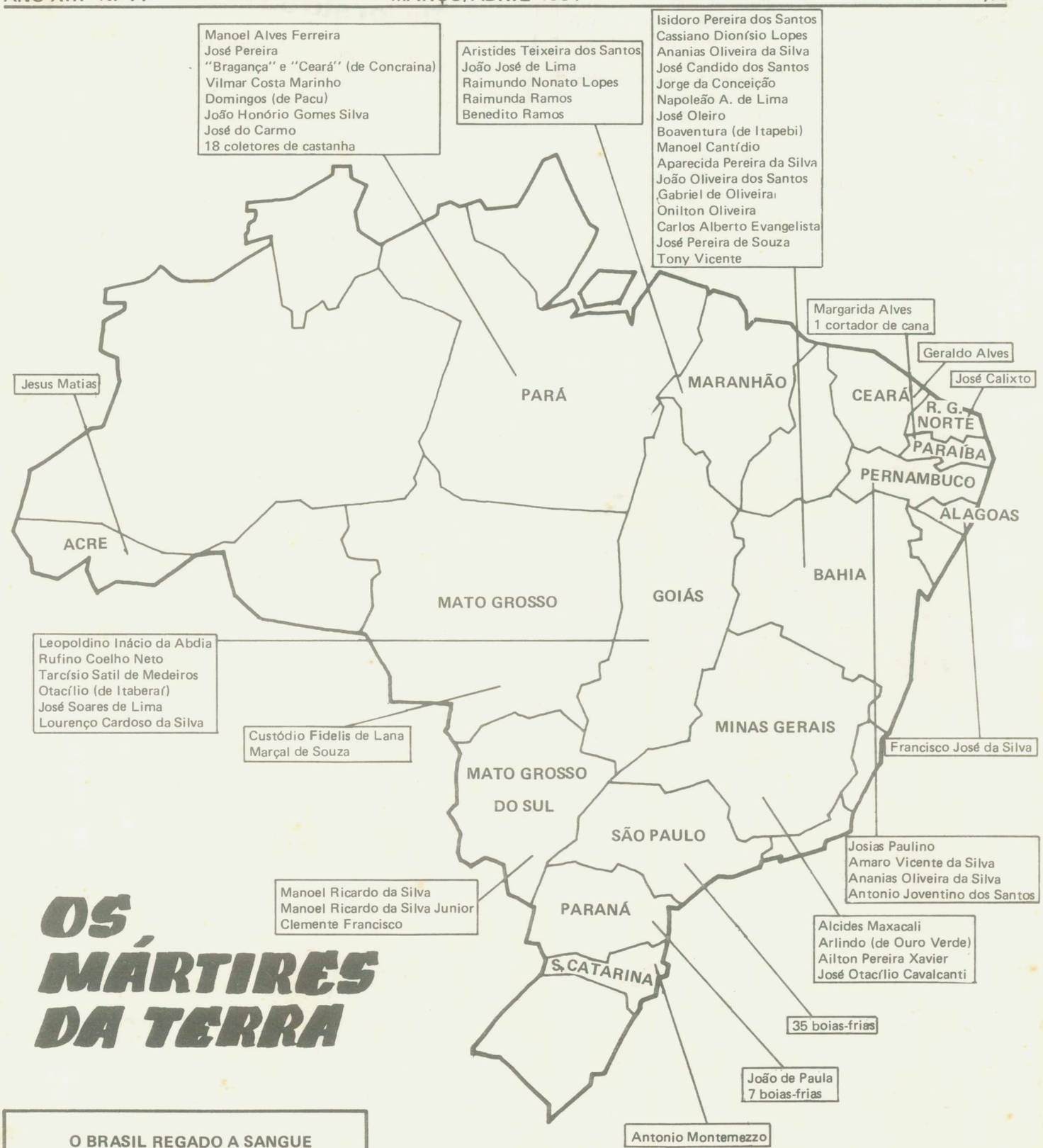
GRITO NO NORDESTE

ANO XIII – Nº 77 MARÇO/ABRIL 1984 Cr$ 100,00



OS MÁRTIRES DA TERRA

O BRASIL REGADO A SANGUE

No mapa, as 116 vítimas da violência no campo, em 1983. Como evitar que o massacre aos trabalhadores rurais continue existindo?

Os Amigos Escrevem

AOS NOSSOS LEITORES:

Não foi possível realizar o presente número sobre a situação dos trabalhadores na Bahia. Aguardaremos a resposta dos companheiros daquele Estado, confirmado uma nova época para a viagem.

Cr$ 15.000,00 não dá

Quero que dê lembranças minhas a Dom Helder em felicitações pela passagem do seu aniversário. Diga-lhe que ainda desejo ver-lhe e ouvir-lhe, pois uma hora escutando-o passa rápido como um minuto.

A situação aqui é péssima com essa frente de Cr$..... 15.000,00. Não dá nem para a farinha, que está difícil e as crianças adoecem e morrem de fome. Nos lugares vizinhos tem passado até dois dias sem beberem água e não se fala em comida. Nem fogo usam mais.

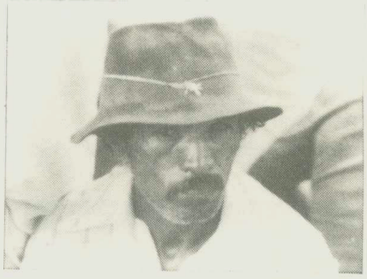
Enquanto uns morrem de fome, outros pagodeiam, bebem e jogam descontroladamente. O grupo dos que rezam e se importam com o Evangelho é bem pequeno. O número dos que zombam e são indiferentes é imenso. Torna-se cada vez mais difícil um trabalho de ACR.

Quando chegou o Grito, levei lá na frente de trabalho e li para eles ouvir sobre a Reforma Agrária. Mangaram perguntando o que e quanto iam ganhar para ouvir-me. Respondi: escutem e verão. Depois, pedi opiniões e um respondeu que só queria isso se a terra fosse onde mora. Os assinantes desistiram, dizem não querer mais porque o tempo e a carestia estão dificultando tudo. (Cícero Dantas).

Resposta da Bahia

Como já tinha avisado, não vai dar certo a visita de vocês agora em março. É pena, nós pensamos uma forma, o criador pensa outra. Até agora não choveu e será difícil se ter sucesso numa viagem desta. Os camponeses estão em estado de calamidade, por isso vamos esperar que o tempo melhore.

Recebi a carta da Equipe Executiva. Estou de acordo com a proposta de fazer um calendário coletivo, também vou visitar o Estado de Minas no fim de março e começo de abril. (Jacobina).



Eleições

Neste momento acabo de chegar de Cacimba de Dentro. Houve a eleição no Sindicato como estava previsto. Foi horrível, muita bagunça. Era proprietários e políticos trabalhando fortemente para a chapa 1 e tiveram a maioria de 142 votos. Eles usaram de todos os meios para ganhar e conseguiram.

Assim mesmo, Cícero ainda teve 363 votos. Perdeu é claro, mas está animado. Apesar de terem trabalhado muito não conseguiu se eleger. Mas damos os parabéns por ele ter alcançado tantos votos. Não houve diferença da eleição partidária, com compra de votos, ameaças e usaram de toda arma para ficarem mais três anos.

O pessoal da chapa 2 que estava trabalhando não tinha vez, era ameaça de todo lado e provocavam mesmo para haver confusão. (Arara).

Conflito na Bahia

Aqui a situação se agrava dia a dia. Muita violência, muita ameaça de morte. De um lado, empresas e fazendeiros japoneses que penetram com a produção horti-fruti-granjeira. Já são mais de 25 mil assalariados em três municípios neste setor. Este tipo de produção segue o mesmo caminho das companhias reflorestadoras que ocuparam extensas áreas de terra. Por trás de tudo isso, vem a cana e duas usinas já estão em funcionamento com vários projetos.

Nossa luta não é fácil. A maioria dos trabalhadores que viviam no campo, hoje moram nas periferias. Os sindicatos tentam assumir a luta, mas com este atrelamento, esta burocracia, a gente se convence cada vez mais que, ou se muda a estrutura sindical ou se cria outros tipos de organização de luta.

A Igreja está cada vez mais distante. Diz que sua missão não é a de mexer com estes problemas. Os trabalhadores partem para ocupar as terras. Para isso criam instrumentos próprios, organizações próprias. As pequenas greves ocorridas entre assalariados, a maioria passou por fora dos sindicatos. Politicamente, o PT está fazendo excelente trabalho, com muitos trabalhadores se envolvendo. (Teixeira de Freitas).

EXPEDIENTE
GRITO NO NORDESTE
Realizado pela Equipe Central da A.C.R.
(Animação dos Cristãos no Meio Rural)
COLABORADORES:
Gerson, Arnaldo, Marcílio, Domingos, Jaka, Paulo, Juracy, Joãozinho e Padre José Servat.

Padre José Servat.
Endereço da A.C.R.:
Rua do Giriquiti, 48
CEP: 50.000 - Recife/PE
FONE: 231-3177

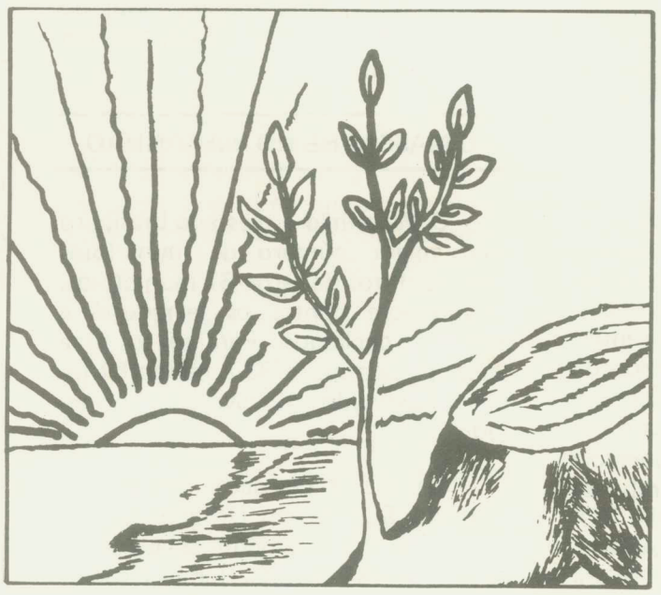
Ressurreição de Cristo, ressurreição dos oprimidos

Jesus de Nazaré, o filho de Maria e de José foi morto pelos ricos e poderosos do seu tempo. Os ricos tinham medo de Jesus. Medo porque Ele falava a verdade. Porque Ele vivia com os pobres e se preocupava em despertar as consciências dêles. Jesus valorizava os pobres, os doentes e todos os marginalizados. A sociedade de Jesus não valorizava essas pessoas. Por isso Ele foi acusado de subversivo (Cf. Lc 23,5).

Como Jesus com a sua maneira de ser e viver, questionou e contrariou a lei dos ricos, foi preso, condenado, torturado e morto (Cf Mc 14, 46-53; 15, 13-15. 17-37). Ele morreu pregado e pendurado em uma cruz.

Os ricos e poderosos querem a morte. Deus dá a vida. Ele é a vida. Deus ressuscitou dos mortos o seu filho. Ele está vivo entre nós. Ele provou aos apóstolos que está vivo. Falou, andou e comeu. (Cf Lc. 24, 37-43).

Acreditar na Páscoa de Jesus, é acreditar que Ele não passou, que Ele continua no nosso meio, que Ele continua protestando e contrariando a atitude dos ricos e dominadores. Acreditar na Páscoa e Ressureição de Jesus é segui-lo. É ter as mesmas atitudes e ações que Jesus teve. Muitos acreditam e seguem. Vejam só!



No ano passado, mais de 100 trabalhadores rurais foram mortos por pistoleiros dos fazendeiros. Neste início de ano não sabemos quantos já foram mortos, sabemos que foram muitos. Entre eles, lembramos José Machado de Pio XII/MA, que recebeu seis tiros no dia 27/02, morrendo no dia 29/02/84.

José Machado, nós sabemos que você estava consciente dos riscos que corria, mas sabemos também que você estava consciente de sua missão. Você foi um seguidor de Cristo. Neste momento, em que celebramos a Ressurreição de Cristo, estaremos também celebrando a sua ressurreição. Nós acreditamos na ressurreição dos mortos e na comunhão dos santos.

A Igreja do Brasil e de toda a América Latina, está sendo empurrada pelos pobres. Eles estão conseguindo fazer com que ela fique do lado deles. O grito de dor e o sangue derramado dos pobres, força a Igreja a assumir a sua missão. Ser testemunha e seguidora do Jesus de Nazaré, do Jesus Ressuscitado. A Igreja precisa defender a vida. Precisa ficar do lado dos que têm suas vidas desrespeitadas. Tem que correr os riscos que os pobres correm. Ter fé, é não ter certeza, é acreditar que Deus está agindo dentro da história dos homens e dar o salto no escuro. É dizer como Maria: "Eis aqui a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra" (Lc 1, 38).

Nós acreditamos na Páscoa de Jesus, na sua ressurreição. Por isso acreditamos na páscoa do povo brasileiro e latino-americano. Esta sociedade injusta passará. Uma nova sociedade surgirá. Nós já vemos os seus primeiros sinais. O sangue dos mártires está regando a semente do amor. Dela vai nascendo um mundo novo. Deus não está cego nem surdo. Ele vê e ouve os clamores do seu povo. Os camponeses acreditam no novo céu e na nova terra. Acreditam que terão terra para morar e plantar, que não trabalharão para que outros enriqueçam e que nenhuma criança morrerá mais de fome. (Cf Is 17-23).

PARA REFLETIR

1 – Na sua comunidade, qual foi a maior violência praticada?
2 – Como é que vocês estão reagindo diante das violências?
3 – O que é que nós podemos fazer em nossas comunidades, para que a Páscoa aconteça de verdade na sociedade brasileira? Como?

A Carta do Amigo

Prezados amigos da ACR do Maranhão, Lavradores de Bacabal e do Estado, irmãos Bispo, Padres e outros amigos:

Acabo de receber o anúncio de um martírio de trabalhador rural. Era um dos animadores que, em nome de Jesus Cristo e da classe camponesa, lutam para que seja dado mais justiça, mais respeito, mais terra e condições de vida aos lavradores, categoria sempre esquecida e desprezada nesse Nordeste sofredor.

Aqui no Canadá esse acontecimento vem lembrar-me a dura realidade que conhecemos e a firmeza do compromisso em vista de uma verdadeira e total libertação do povo.

Domingo vou pregar em seis missas e falar sobre o trabalho pastoral que fazemos. Lembrarei muito o sacrifício de José Machado, pedindo a Deus que o coloque com os Santos do céu. Que dê coragem aos Santos que estão na terra para que não desanimem e continuem o trabalho começado.

Quero dizer a minha solidariedade neste momento com a família, a comunidade, a Equipe Diocesana da ACR, os Sindicatos que lutam realmente, a diocese e em particular, com o Senhor Bispo e o Pe. Godofredo, corajoso lutador pela causa camponesa. Amigos de Bacabal e do Mearim, da região do Itapecurú e outros lugares do Maranhão, continuem o que começamos e desenvolvemos juntos. Estou com vocês.

A ACR, as comunidades e todas as organizações camponesas do Estado vão crescer. A morte de José Machado é semente de outros militantes e animadores. Possam todos com esse acontecimento – sobretudo os que se alegram quando morre um animador lavrador – descobrir o que é fundamental: **o valor do homem, filho de Deus, o direito de cada um a um lugar na terra para trabalhar e viver bem de seu trabalho.** *Para isso, a união e a participação de todos os lavradores é necessária.*

Estou com vocês, com minha fé em Deus, minha confiança e amor no trabalho libertador desenvolvido por todos vocês.

Abraço de seu irmão

Pe. José Servat

Violência no campo:

Em 1983, mais de 100 trabalhadores rurais foram mortos no território brasileiro: **vítimas da violência.** Um verdadeiro massacre: 74 assassinatos, 42 bóias-frias vítimas fatais de acidentes de transporte, várias tentativas de assassinatos, ameaças de morte e prisões. Expulsões da terra com destruição de moradias e lavouras, espancamento de lavradores e suas famílias. Milhares de camponeses vivem debaixo do terror implantado no campo por jagunços, fazendeiros, donos de engenho e a própria polícia. É como diz muito bem o documento de denúncias da FETAPE sobre a violência na zona canavieira de Pernambuco: "O AÇUCAR PRODUZIDO NA ZONA CANAVIEIRA DE PERNAMBUCO TEM GOSTO DE SANGUE". Sangue dos trabalhadores rurais espancados e assassinados pela ira dos senhores de engenho e usineiros.

ALGUNS CASOS DE VIOLÊNCIA:

Em maio/83, no Engenho Fortaleza II, de propriedade da Usina Petribu, no município de Lagoa de Itaenga/PE, engenho arrendado ao Sr. Marcos José de Albuquerque, os trabalhadores José Costa Silva e Severino Ribeiro da Silva foram espancados com "cipó de boi". Tiveram seus sítios destruídos pelos capangas José Francisco da Silva, Fernando Pereira da Silva e pelo próprio senhor de engenho.

No Engenho Caraúbas, município de Paudalho/PE, arrendado ao Sr. Geraldo Guerra, no último dia 10 de janeiro, o trabalhador rural Antonio Rodrigues dos Santos, de 72 anos de idade e mais 40 anos como morador do engenho, depois de se recusar a deixar o sítio e moradia, foi assassinado a tiros por um dos vigias do engenho.

Em 02 de março/83, o trabalhador rural Ananias Oliveira da Silva, foi assassinado com um tiro nas costas, disparado pelo administrador do Engenho Baeté, da Usina Central, em Barreiros/PE.

O MASSACRE NO MARANHÃO

O Maranhão é o estado brasileiro com maior número de municípios com conflitos de terra: 67 municípios. O massacre contra os lavradores é aberto e declarado. Para se ter uma idéia, de dezembro/83 a março/84 foram assassinados 12 lavradores no estado.

No dia 9 de dezembro/83, no Povoado Surrão, em Urbano Santos/MA, foram barbaramente assassinados os lavradores Benedito Ramos e sua irmã Raimunda Ramos, ficando feridas mais quatro pessoas. O conhecido pistoleiro Francisco da Silva Araújo, acompanhado por 12 capangas, invadiu a casa dos lavradores para executar o massacre. Segundo o próprio assassino, ele contou com o apoio da polícia e do PDS local.

Entre os 12 lavradores assassinados em apenas quatro meses, no Maranhão, também está o **nosso irmão e companheiro José Machado.** Ele vinha acompanhando a diretoria do Sindicato de Pio XII nas lutas dos povoados Juçaral do Vital, São José da Mata e Canela, onde existem grandes conflitos de terra. Respondeu a inquérito na polícia junto ao grupo de 84 quebradeiras de côco de Juçaral do Vital. Foi várias vezes a Bacabal, Pindaré, São Luis e até mesmo a Brasília, levar denúncias ao INCRA das irregularidades dos grileiros. Nunca foram tomadas as providências quanto aos conflitos fundiários da região. No final de 1983, foi ameaçado por desconhecidos às 10 horas da noite, mas conseguiu escapar. Nesse ano continuava a acompanhar a luta das quebradeiras de côco. No dia 21 de fevereiro, cinco mulheres foram proibidas de quebrar côco pelo grileiro Severo e seu jagunço Pereira. Detonaram tiros de revólver e prenderam os machados e 14 quilos de babaçu. No dia 27 do mesmo, José Machado foi deixar a denúncia no INCRA de Bacabal, mas quando chegou não havia mais expediente. Na volta, ao chegar em Pio XII, foi baleado com 6 tiros por pistoleiros em uma das ruas da cidade, ficando quase morto e vindo a falecer dois dias após.

UM POVO SEM SOSSÊGO:

No dia 14 de março/83, na Fazenda Santa Clara, município de Bom Jesus da Lapa/BA, o lavrador Napoleão Antonio de Lima foi morto pelo grileiro Sebastião Alves de Souza com 6 tiros de revólver. O grileiro estava acompanhado do sub-delegado de polícia Jerônimo Moreira e mais cinco capangas armados.

Na Bahia, são conhecidos os fatos ocorridos nos municípios de Una e Canavieiras, onde famílias de posseiros sofrem agressões dos grileiros da região. No ano passado foram assassinados cinco posseiros, além de por diversas vezes os lavradores serem espancados e terem suas roças e casas destruídas.

O trabalhador Chico Longarista foi agredido a socos e ponta-pés pelo delegado de polícia de Esperantina/PI, no último dia 27 de fevereiro. Ele se apresentou a polícia depois de ser denunciado pelo fiscal geral da emergência Sr. Santos. Chico ainda ficou dois dias preso porque reclamou ao ver seu dia cortado, após terminar sua tarefa na frente de emergência da localidade de Boa Vista dos Cariocas.

O posseiro Lourenço Cardoso da Silva, foi assassinado por pistoleiros a mando do grileiro José Garcia, no dia 25 de abril/83, em Araguaçu/GO. Seu corpo foi encontrado por seus filhos quando iam para a escola, com outro tiros de revólver.

PERSEQUIÇÃO AO MOVIMENTO SINDICAL:

A violência é utilizada para tentar desarticular a ação do Movimento Sindical. Tenta impedir que o Sindica-

MARANHÃO: 12 ASSAS CAUSA: CONFL		
09/12/83	em Urbano Santos	–
13/01/84	em Tijupá Queimado, município de Ribamar	–
22/01/84	em Lago Verde	–
31/01/84	em São Vicente Férrer	–
	em Açailândia	–
27/02/84	em Pio XII	–
29/02/84	em Joselândia	–
25/02/84	em Santa Luzia	–

Os Mártires da Terra

to possa agir como instrumento legal de defesa dos interesses dos trabalhadores contra a super-exploração patronal. Dirigentes e delegados sindicais, advogados e assessores dos Sindicatos são perseguidos quando defendem os interesses dos trabalhadores.

Nos últimos tempos, o exemplo que todo o Brasil tomou conhecimento foi o assassinato da companheira Margarida Alves, presidente do Sindicato de Alagoa Grande/PB. Ela foi morta a tiros, no dia 12 de agosto do ano passado.

Na região do Submédio São Francisco, que compreende vários municípios de Pernambuco e da Bahia, 7.000 famílias de trabalhadores rurais estão sendo expulsas pela CHESF, empresa governamental responsável pela construção da Barragem de Itaparica.

Na comunidade de Serra da Inveja, município de Ibimirim/PE, foi assassinado o delegado sindical Josias Paulino de Almeida, no dia 15 de agosto/83. Josias foi assassinado por causa da sua lutra à frente de 100 famílias de posseiros, que há cinco anos resistem às investidas e ameaças de grileiros e jagunços.

UM GRITO CONTRA A VIOLÊNCIA

O que nós vemos é que, de uma ponta a outra do Brasil, parece que foi declarada uma guerra contra os trabalhadores do campo. Porém, não vamos desanimar ao lermos essa página do Grito no Nordeste.

A história dos camponeses não é feita só de sofrimentos e derrotas. Da mesma forma que, como vimos, muitos foram mortos na caminhada, por outro lado, teve muitas conquistas e vitórias da união e da organização dos trabalhadores.

Por exemplo, na mesma região onde foi assassinado o lavrador Josias Paulino, os trabalhadores de Caruru, município de Glória/BA, pararam as máquinas da CHESF, quando a empresa quis invadir suas terras. Os trabalhadores não se intimidaram e pararam as máquinas resistindo ao cerco policial armado pela CHESF, permanecendo acampados no local durante 14 dias.

Mais de 3 mil trabalhadores, com a presença de 50 sindicatos do Maranhão, foram às ruas de Pio XII e fizeram uma grande concentração no dia 18 de março/84, em protesto contra o assassinato de José Machado. No mesmo dia, quase 5 mil trabalhadores lotaram a praça central de Carpina/PE, para juntos levantar um forte grito contra as violências na zona canavieira de Pernambuco. Em Teixeira de Freitas/BA, a polícia tentou impedir a realização de um ato público pela Reforma Agrária, marcado para o dia 20 de novembro/83. Os trabalhadores não se intimidaram, resistiram e decididos saíram às ruas numa grande passeata.

SSINATOS EM 4 MESES
TOS DE TERRA

Raimunda Ramos e Benedito Ramos
Dalvino Severino da Conceição e Mateus Loiola de Souza.
Bento Silva e seu sogro
Roque Castro
Alzecindo Vila Nova
José Machado
Cantídio Diniz
Benedito Raquel e seu filho Juscelino Raquel

O MOVIMENTO SINDICAL RESISTE FIRME:

Sabemos que a ação dos poderosos, quase sempre acobertada pela polícia e outros órgãos de segurança, visa amedrontar e impedir a organização crescente da classe trabalhadora. Mas ela cresce e se espalha como o fogo que pega rápido no pasto. Quando um trabalhador tomba na luta, levantam-se outros cem trabalhadores para continuá-la. O sangue dos trabalhadores assassinados por esse Brasil afora, clama da terra por justiça para os oprimidos.

O Movimento Sindical organizando-se cada vez mais a partir das delegacias de base, mostra sua força e o poder da classe trabalhadora. A grande demonstração disso é a resistência dos lavradores, diante da intervenção no Sindicato de Santarém/PA.

No ano passado, os 240 mil trabalhadores da zona canavieira de Pernambuco entraram em greve geral. Alcançaram a mais expressiva vitória de sua história. Vinte usinas açucareiras da região deixaram de soltar fumaça de suas chaminés, por falta de cana na esteira. Os patrões não conseguiram derrubar a organização dos trabalhadores e nem impedir o avanço da luta.

Tudo isso, sem falar nas vitórias dos trabalhadores nas eleições sindicais em dezenas de municípios brasileiros.

A resistência na terra é a única forma de conquistar a Reforma Agrária que interessa aos camponeses. Muitos já descobriram essa verdade. Aos poucos descobrem que do governo não devem esperar mais nada. Descobrem seus espaços próprios na sociedade, na Igreja, no Movimento Sindical e nos partidos políticos de oposição. Criam formas de organização mais sólidas, em busca de uma verdadeira libertação.

VAMOS FALAR SOBRE O ASSUNTO:

1) O que chamou mais sua atenção nessa página do Grito no Nordeste?
2) Como a nossa.comunidade tem protestado contra a violência que sofremos?
3) Já conseguimos alguma vitória na nossa caminhada? Cite um exemplo.

Os Mártires da Terra

to possa agir como instrumento legal de defesa dos interesses dos trabalhadores contra a super-exploração patronal. Dirigentes e delegados sindicais, advogados e assessores dos Sindicatos são perseguidos quando defendem os interesses dos trabalhadores.

Nos últimos tempos, o exemplo que todo o Brasil tomou conhecimento foi o assassinato da companheira Margarida Alves, presidente do Sindicato de Alagoa Grande/PB. Ela foi morta a tiros, no dia 12 de agosto do ano passado.

Na região do Submédio São Francisco, que compreende vários municípios de Pernambuco e da Bahia, 7.000 famílias de trabalhadores rurais estão sendo expulsas pela CHESF, empresa governamental responsável pela construção da Barragem de Itaparica.

Na comunidade de Serra da Inveja, município de Ibimirim/PE, foi assassinado o delegado sindical Josias Paulino de Almeida, no dia 15 de agosto/83. Josias foi assassinado por causa da sua lutra à frente de 100 famílias de posseiros, que há cinco anos resistem às investidas e ameaças de grileiros e jagunços.

UM GRITO CONTRA A VIOLÊNCIA

O que nós vemos é que, de uma ponta a outra do Brasil, parece que foi declarada uma guerra contra os trabalhadores do campo. Porém, não vamos desanimar ao lermos essa página do Grito no Nordeste.

A história dos camponeses não é feita só de sofrimentos e derrotas. Da mesma forma que, como vimos, muitos foram mortos na caminhada, por outro lado, teve muitas conquistas e vitórias da união e da organização dos trabalhadores.

Por exemplo, na mesma região onde foi assassinado o lavrador Josias Paulino, os trabalhadores de Caruru, município de Glória/BA, pararam as máquinas da CHESF, quando a empresa quis invadir suas terras. Os trabalhadores não se intimidaram e pararam as máquinas resistindo ao cerco policial armado pela CHESF, permanecendo acampados no local durante 14 dias.

Mais de 3 mil trabalhadores, com a presença de 50 sindicatos do Maranhão, foram às ruas de Pio XII e fizeram uma grande concentração no dia 18 de março/84, em protesto contra o assassinato de José Machado. No mesmo dia, quase 5 mil trabalhadores lotaram a praça central de Carpina/PE, para juntos levantar um forte grito contra as violências na zona canavieira de Pernambuco. Em Teixeira de Freitas/BA, a polícia tentou impedir a realização de um ato público pela Reforma Agrária, marcado para o dia 20 de novembro/83. Os trabalhadores não se intimidaram, resistiram e decididos saíram às ruas numa grande passeata.

SSINATOS EM 4 MESES
TOS DE TERRA

Raimunda Ramos e Benedito Ramos
Dalvino Severino da Conceição e Mateus Loiola de Souza.
Bento Silva e seu sogro
Roque Castro
Alzecindo Vila Nova
José Machado
Cantídio Diniz
Benedito Raquel e seu filho Juscelino Raquel

O MOVIMENTO SINDICAL RESISTE FIRME:

Sabemos que a ação dos poderosos, quase sempre acobertada pela polícia e outros órgãos de segurança, visa amedrontar e impedir a organização crescente da classe trabalhadora. Mas ela cresce e se espalha como o fogo que pega rápido no pasto. Quando um trabalhador tomba na luta, levantam-se outros cem trabalhadores para continuá-la. O sangue dos trabalhadores assassinados por esse Brasil afora, clama da terra por justiça para os oprimidos.

O Movimento Sindical organizando-se cada vez mais a partir das delegacias de base, mostra sua força e o poder da classe trabalhadora. A grande demonstração disso é a resistência dos lavradores, diante da intervenção no Sindicato de Santarém/PA.

No ano passado, os 240 mil trabalhadores da zona canavieira de Pernambuco entraram em greve geral. Alcançaram a mais expressiva vitória de sua história. Vinte usinas açucareiras da região deixaram de soltar fumaça de suas chaminés, por falta de cana na esteira. Os patrões não conseguiram derrubar a organização dos trabalhadores e nem impedir o avanço da luta.

Tudo isso, sem falar nas vitórias dos trabalhadores nas eleições sindicais em dezenas de municípios brasileiros.

A resistência na terra é a única forma de conquistar a Reforma Agrária que interessa aos camponeses. Muitos já descobriram essa verdade. Aos poucos descobrem que do governo não devem esperar mais nada. Descobrem seus espaços próprios na sociedade, na Igreja, no Movimento Sindical e nos partidos políticos de oposição. Criam formas de organização mais sólidas, em busca de uma verdadeira libertação.

VAMOS FALAR SOBRE O ASSUNTO:

1) O que chamou mais sua atenção nessa página do Grito no Nordeste?
2) Como a nossa.comunidade tem protestado contra a violência que sofremos?
3) Já conseguimos alguma vitória na nossa caminhada? Cite um exemplo.

Evangelho no Campo

Comunidade constrói tanque

Estamos comemorando a construção de um tanque comunitário, começado em dezembro, quando fizemos a limpeza do local e encostamos o material: pedras, areia, água e cimento. Nós da comunidade de Jabuticaba, município de Arara/PB compramos com o nosso esforço uma parte deste material.

A construção surgiu da necessidade do povo nesta época de sofrimento por falta d'água em consequência da seca. Começamos conversando com o pessoal da comunidade e de comunidades vizinhas. Trabalhamos em mutirões todos os dias: crianças, jovens e adultos.

Iniciamos com a festa de Santa Luzia, com leilões, barracas e um pequeno bingo. Arrecadamos 191 mil cruzeiros. Compramos 40 sacos de cimento e pagamos apenas dois pedreiros. Ficamos devendo 138 mil cruzeiros, mas conseguimos esta quantia da diocese.

O tanque vai servir a nossa comunidade e comunidades vizinhas para beber, lavar roupas, etc. No próximo dia 10, Dom Marcelo vem celebrar uma missa em ação de graças em nossa comunidade.

Essa noite deu uma chuvinha e lavamos muita roupa. Então, a chuva inaugurou. Vamos preparar a missa e uma dramatização mostrando a história do tanque.

Equipe estadual da Paraiba

Com a participação de 20 animadores das dioceses de Guarabira, Campina Grande e João Pessoa realizou-se nos dias 21 e 22 de janeiro, em Campina Grande, a parada da Equipe Estadual da ACR. Foi feita uma avaliação do Movimento na Paraíba e o planejamento para o presente ano.

De um modo geral os militantes decidiram continuar as visitas e reuniões nas comunidades e acompanhar as lutas sindicais. Uma boa novidade foi a escolha da Equipe Diocesana de Campina Grande. A equipe é composta por: Zé de Julio (Barra de Santa Rosa), Lula (Cuité) e Mariquinha (Queimadas). O primeiro encontro da equipe será em Cuité, nos dias 28 e 29 de abril.

Encontro de Assistentes e Assessores

O encontro que realizou-se em Olinda/PE, de 13 a 15 de março, teve como objetivo: avaliar o método de trabalho da ACR, fazermos um confronto com alguns critérios de análise, com a pedagogia e prática de Jesus, afim de contribuirmos na caminhada dos trabalhadores, de forma tal que sejam eles mesmos os verdadeiros sujeitos do processo de libertação.

Com a participação de 20 pessoas, embora não houvesse boa representação por Estado, pudemos refletir, orar e tirar algumas propostas concretas para o nosso trabalho junto aos camponeses e a ACR. Um relatório está sendo preparado. Ele servirá de subsídio para os nossos trabalhos.

ACR: Dificuldades na Bahia

No início desse ano, temos acompanhado o movimento sindical na Bahia. Estudamos os estatutos dos sindicatos e da FETAG, com o objetivo de mudança na estrutura sindical, ao mesmo tempo de participar com uma chapa alternativa nas eleições da Federação. Fizemos mobilizações e reuniões nas bases, preparando encontros regionais. Alguns deles já foram adiados pelo fato da falta de água, como é o caso de Senhor do Bonfim. Sem água é difícil de se fazer um encontro de dois dias com 50 ou 60 pessoas.

Visitamos a Diocese de Rui Barbosa. Fizemos um encontro de dois dias com alguns companheiros e uma breve avaliação do Movimento de ACR na diocese. Constatamos que o Movimento não morreu, a ACR existe. Apesar das dificuldades que os companheiros vem enfrentando em consequência da seca, continuam animados fazendo o que cada um pode na sua comunidade, sem perder a identidade do Movimento. Por parte do clero, dão mais apoio a outras pastorais, como é o caso da CPT, embora alguns padres queiram ajudar no Agir. Fizemos um planejamento, tendo em vista como organizar melhor o Movimento na diocese. Os companheiros vão se encontrar no dia 10 de março e ver as possibilidades de ampliar mais a equipe diocesana.

Comissão de jovens se reune

Nós da Comissão dos Jovens Rurais, estivemos reunidos em Recife/PE, de 17 a 19 de fevereiro, conforme ficou combinado no nosso II Encontro no ano passado.

Começamos a reunião fazendo um levantamento da nossa caminhada nos vários Estados representados e das dificuldades que os trabalhadores estão passando em cada região. Depois estudamos a história da ACR e seu método de trabalho. Fizemos uma avaliação do nosso II Encontro e discutimos sobre o III Encontro que queremos realizar nesse ano.

Em relação ao próximo encontro de jovens rurais, decidimos levar em consideração as sugestões do encontro passado e escolhemos o tema: "O JOVEM RURAL E SUA PARTICIPAÇÃO NO SINDICALISMO E NA POLÍTICA". O mês escolhido foi julho e o local Recife, mas a data não está certa, porque não conseguimos um lugar para o encontro na data que previmos. Esperamos resolver logo esse problema para enviar os convites a todos os jovens interessados. Recebam todos o nosso abraço e incentivo.

A BRIGA DOS ÍNDIOS COM A FUNAI

A causa principal dos graves conflitos em terras dos índios é uma só: a brusca e agressiva ocupação dos territórios desses 200 mil sobreviventes de nações indígenas brasileiras. Existem no momento 21 conflitos no Brasil.

Índios, fazendeiros, garimpeiros e posseiros disputam a posse da terra. Esses conflitos se tornaram mais sangrentos a partir da década de 70, quando se implantou no Brasil, durante o governo Médici, a política de integração da Amazonia. "Integrar para não entregar", esse foi o lema da campanha que inaugurou diversas estradas. As estradas, infra-estrutura básica para atrair investidores nacionais e estrangeiros à região Amazônica, não pouparam nenhuma nação indígena.

Com essas estradas e as facilidades dos incentivos fiscais, chegaram primeiro os grandes pecuaristas, depois, já no meio da década, os posseiros e finalmente nos anos 80, os garimpeiros. Todos eles, sabendo ou não, ocuparam a terra indígena.

Perder a terra, para o índio, é perder sua fonte de economia, o espaço social, cultural e histórico e, como consequência as condições de saúde. A política oficial do governo, expressa através da FUNAI, desconhece esse valor da terra e reduz os territórios indígenas. Empurra grupos inteiros para áreas onde às vezes não existe sequer uma nascente de água. É inevitável o surgimento de um conflito.

Um negócio que dá lucro

Na página central vimos um pouco da situação de terror existente no meio rural brasileiro. A que interesses serve tamanha violência?

O documento da FETAPE sobre as violências na zona canavieira mostra que a violência é utilizada para expulsar os moradores dos seus sítios, sem indenizações das benfeitorias e aumentar as plantações de cana. Para expulsar os trabalhadores permanentes e registrados, residentes nos engenhos há 10, 20 e até 30 anos, sem o pagamento dos seus direitos trabalhistas, para substituí-los por trabalhadores temporários ou clandestinos. Para forçar o trabalhador a trabalhar mais do que o legal durante os 6 dias da semana, recebendo apenas 2 ou 3 dias de salário. Com o aumento das tarefas estabelecidas no Dissídio Coletivo, com prejuízo ainda do repouso remunerado, férias e 13º salário. Para impedir que o trabalhador reclame os seus direitos na Justiça do Trabalho. Para tentar desligar os trabalhadores dos seus Sindicatos e desarticular a ação do Movimento Sindical em defesa dos interesses da classe trabalhadora.

Está claro que a violência patronal na zona canavieira de Pernambuco e em outras regiões de assalariados no Brasil é, antes de tudo, **um negócio muito lucrativo.** Diante dessa constatação, fica mais fácil descobrir a raiz do mal. Afinal, qual é o motor do capitalismo? Não é justamente o lucro alcançado com a super-exploração da classe trabalhadora?

A Concentração de Terras:

No fundo de tudo está a política agrária implantada no Brasil após o golpe militar de 1964. A raiz mais profunda e difícil de ser arrancada é o capitalismo. Que para sobreviver exige a concentração de terras nas mãos dos ricos latifundiários.

De um lado, fazendas que engolem fazendas, terras grandes que engolem terras pequenas. A besta fera está engolindo tudo. De outro, milhares de pequenos proprietários, posseiros, arrendatários e meeiros perdendo suas terras. Expulsos da terra, uma parte se desloca para as periferias das cidades e povoados. Aumenta a miséria, a fome, a doença, a angústia da insegurança quanto ao dia de amanhã.

Os que resistem na terra enfrentam dois grandes inimigos: 1) **a política agrária do governo:** que dá todo o incentivo as grandes empresas e fazendeiros, à produção para exportação, abandonando o pequeno agricultor que produz para o consumo dos brasileiros;

2) **a pressão das grandes empresas e de fazendeiros:** que forçam famílias a abandonarem suas terras, onde vivem e trabalham há gerações. Contam com o "serviço" de exércitos de pistoleiros e capangas, armados até os dentes, quase sempre acobertados pela polícia.

Enquanto isso os governos estaduais e federal dizem que estão fazendo **a maior Reforma Agrária do mundo.** Mas a verdade é uma só: os trabalhadores sem terra continuam sem terra e os que têm pouca terra estão perdendo a terra.

PARA NOSSO BATE-PAPO NO GRUPO:

1) Você já ouviu falar em política agrária do governo? Que consequências ela traz para a vida dos trabalhadores do campo?
2) Qual deve ser a política agrária dos trabalhadores?
3) Que ferramentas podemos usar na luta pela posse da terra?

Camponeses querem Diretas Já

As manifestações em favor das diretas já, no Rio de Janeiro (1 milhão de pessoas) e em São Paulo (quase 2 milhões de pessoas), marcaram o cenário político brasileiro dos últimos dias. É a manifestação do anseio popular em votar para presidente do Brasil em 1984. Foram as maiores concentrações já realizadas na história do país.

Porém, não podemos deixar de registrar que milhares de trabalhadores rurais foram às praças públicas gritar pelas diretas já. Inúmeras concentrações de camponeses nos mais diversos e distantes pontos do Brasil.

Para citar um exemplo, no Maranhão tivemos notícias de concentrações em Bom Jardim, Santa Inês, Pio XII, Esperantinópolis, Poção de Pedras, Zé Doca (município de Monção), Santa Rita, Lago da Pedra e em São Luis, que reuniu 600 mil manifestantes. São os camponeses brasileiros participando cada vez mais da vida política da nação.

Campanha será lançada no Maranhão

Está marcado para o próximo dia 1º de julho o lançamento estadual da Campanha pela Reforma Agrária em São Luis/MA. A data foi escolhida no encontro de avaliação sindical, promovido pela FETAEMA, com a participação de 50 sindicatos do Maranhão realizado de 10 a 12 de março último, em São Luis.

Ao todo participarão 130 sindicatos do Maranhão na mobilização dos trabalhadores rurais pela Reforma Agrária. A coordenação da Campanha é composta por entidades que atuam junto ao homem do campo: FETAEMA, CARITAS, CPT, FASE, CEBs, ACR, CUT e CONCLAT.